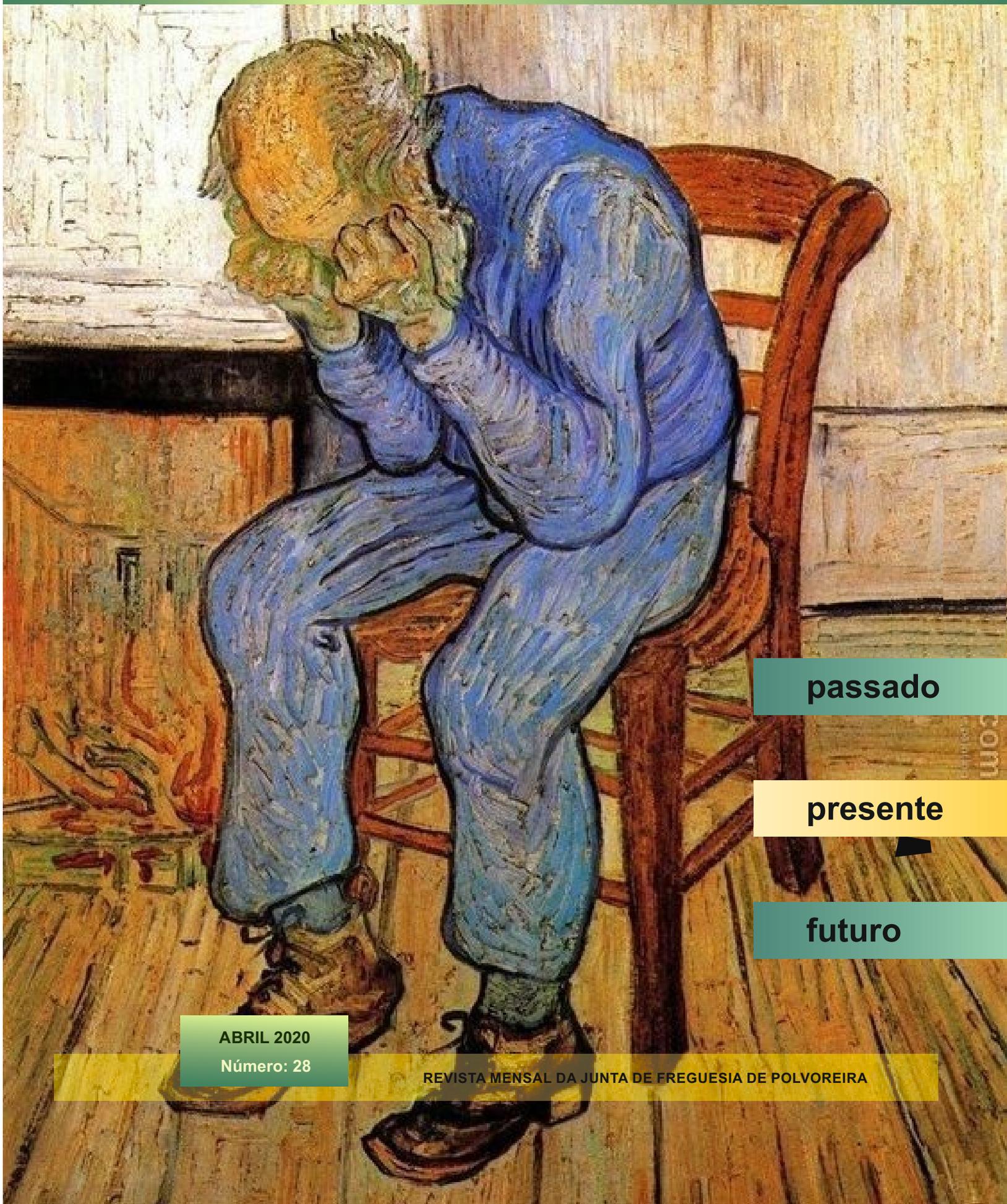




revista de
POLVOREIRA
GUIMARÃES



passado

presente

futuro

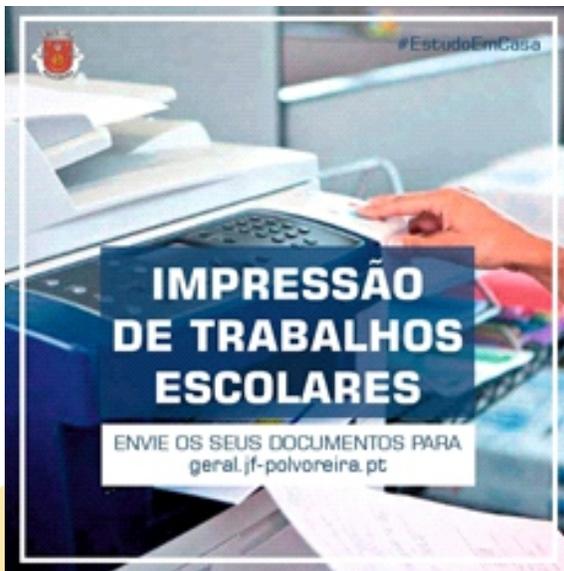
ABRIL 2020

Número: 28

REVISTA MENSAL DA JUNTA DE FREGUESIA DE POLVOREIRA



freguesia de
Polvoreira



Informamos todos os Polvoreirenses que disponibilizámos o serviço de impressão de trabalhos escolares. Para tal basta enviar os seus documentos através do endereço de e-mail geral.jf-polvoreira.pt e indicando a sua morada. Posteriormente faremos chegar até si os respectivos documentos.



Junte-se a nós e ao PT Pedro Felgueiras. Team Felgas



Agora que passamos muito tempo em volta da cozinha, Temos de nos adaptar e praticar uma alimentação saudável. Pois bem, no próximo, fim-de-semana, 2 e 3 de Maio, terá a possibilidade de assistir GRATUITAMENTE, em direto nas nossas redes sociais a dois WORKSHOPS de alimentação saudável. A anfitriã será a nutricionista Ana Gonçalves. Uma parceria em conjunto com o projecto **Academia da Razão**.

O Nosso Papel em Tempo de Crise

É fundamental o papel das juntas de freguesia, quando existe uma crise sanitária que conduzirá inevitavelmente a uma crise económica, com a conseqüente produção de vítimas que os planos conjunturais apenas podem prever na sua generalidade, mas que produzem sempre um elevado número de casos dramáticos que apenas o poder local, próximo que está das populações, pode tentar detectar e remediar.

Há quem preveja que o mundo nunca mais será como dantes. Segundo muitos, o coronavírus impregnou as populações de desconfiança. Desconfiança na ciência, nos governos, na própria humanidade. E essa confiança vai ser muito difícil de recuperar.

As incertezas são tantas que há quem afirme que a pandemia encerrou a actual idade civilizacional definitivamente. Acabou historicamente a época contemporânea e entramos num novo período histórico: a época sanitária. O século XX foi o século da tecnologia. Este será século da biotecnologia.

Há uma nova corrida espacial em curso. Uma corrida espacial genética, onde EUA e China disputam palmo a palmo quem será a nação líder em edição de DNA e em nanorrobôs que podem administrar drogas dentro do corpo humano. Não se pode afirmar com certeza em qual grau de evolução os cientistas dos dois países estão. Aquilo que estava em marcha acelerou-se repentinamente: o isolamento social, o trabalho à distância, a aprendizagem pela internet, enfim com a corrida espacial genética, segundo alguns, passaremos a viver na terra como vimos os astronautas viverem quando foram à lua.

Sinceramente pensamos que nada disto vai acontecer. Não sabemos quando a vida voltará à normalidade. Dependerá eventualmente da descoberta de uma vacina que combata o vírus ou do reconhecimento de que, afinal, a sua letalidade não é assim tão assustadora.

De qualquer forma, aqui estaremos a acompanhar as necessidades de todos os polvoreirenses, a estar perto deles, tentando adaptar-nos à nova realidade seja ela qual for.

Foi para isso que fomos eleitos. É isso que tentaremos fazer!





ÍNDICE

Nº 28 ABRIL 2020



04

Quinta do Vale

O regresso a Polvoreira, as obras, os convidados de honra, a festa e a paz do C.te João de Paiva Faria L. Brandão



06 e 07

Centro Social e UCCI de Polvoreira

O pior do coronavírus: mais do que infecção é solidão!
Como estão felizes os nossos idosos!



Maria Manuel Mota

André Dias

08

Balanço de uma Pandemia

«Não entrem em pânico!...
É necessário proteger os mais idosos mas não se pode estagnar a vida dos mais jovens.»



09

CliHotel de Guimarães FISIOTERAPIA

É possível ter acesso a Fisioterapia à distância?
Sim, através da Telereabilitação!



10 e 11

Escola de Polvoreira

O que foi a Telescola no século passado, o que será a Nova Telescola.
Opiniões de alunas



12 e 13

Maria de Sousa e Luís Sepúlveda

Gente que nos faz falta!
Gente de quem temos saudade!



14

Diário de Teresa Gil

por, Nuno A.P.O.E. de Abreu

A história dos Mártires de Marrocos, a premonição e Santo António de Lisboa



Carlos Alberto Oliveira
Presidente da Junta de Freguesia de Polvoreira

EDITORIAL

Este mês, porque estamos em plena crise, mas, sobretudo porque li, um artigo de António Reis Pereira, publicado em 24 de Março, no jornal "Público" que, desde logo, inteiramente subscrevi e se mostra actual, faço minhas as palavras do autor.

"A calamidade que atinge quase todos os países não tem paralelo em nada que a maior parte de nós tenha até hoje vivido, com uma gravidade cujas consequências não são possíveis de medir, a começar pelas vidas humanas perdidas" - directa ou talvez mais mesmo indirectamente.

"Mas a pandemia, tal como começou, também irá acabar, é sempre assim, as desgraças não perduram para sempre, e muito do que era a nossa vida irá voltar ao mesmo de sempre, voltaremos às praias e às esplanadas, aos concertos e aos centros comerciais, o convívio entre as pessoas retornará e as ruas encher-se-ão de novo de gente"

"No entanto, uma hecatombe desta dimensão implica sempre alterações no nosso modo de vida, e nem todas essas alterações são necessariamente negativas – normalmente aprendemos colectivamente com os erros e damos um passo em frente em termos evolutivos. É assim em todas as crises, o mundo que emerge depois traz sempre aspetos positivos só possíveis de alcançar porque houve crise, porque as pessoas se viram obrigadas a criar novos hábitos"

"Desta vez, a clausura que a maior parte de nós teve involuntariamente de adotar trouxe uma série de desafios inesperados, oportunidades que também são, como o recenrar das atenções na unidade familiar, saber viver sem ser na vertigem de compromissos encavalitados uns em cima dos outros, planejar a vida em casa como quem planeia a vida no local onde se exerce a profissão, e trabalhar a partir de casa como quem o faz no local habitual de trabalho"

"E, por paradoxal que pareça, apesar de todas as malfeitorias que nos traz, nada disto teria sido possível de alcançar sem a covid-19. O maldito vírus vai obrigar-nos a mudar, marcando de algum modo uma disrupção na forma como a generalidade das pessoas encara a relação entre o sítio onde vive, o sítio onde trabalha e a forma como alterna entre um lado e o outro»

Por isso repito a mensagem que aqui deixei o mês passado:

TUDO VAI CORRER BEM!



DIRECÇÃO Nuno M. P. de Abreu - @: nunodoraso@gmail.com
REDACÇÃO: A do Ribeiro do Pinto, António Gomes, Nuno A Pereira, C. Mota Reis, Maria A. de Portugal, Maria C. Gomes, P. Torres, Maria Carolina L. da Silva



DIRECÇÃO ARTÍSTICA Carlos M. P. de Abreu - @: c.miguel.abreu@gmail.com
IMPRESSÃO E ACABAMENTO - costagustreiro,lda - Penselo, Guimarães
EMAIL: revistapolvoreira@gmail.com



PROPRIEDADE E EDIÇÃO: Junta de Freguesia de Polvoreira, com sede na Rua do Formigoso, n.º 103, 4835 - 168, Telefones: 253 523 896; 253 557 128. Publicação periódica isenta de registo na ERC, ao abrigo da alínea b) do n.º 1 do artigo 12.º do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de Junho, com as alterações introduzidas pelo Decreto Regulamentar n.º 2/2009, de 27 de Janeiro.



rubrica

quem somos

Quinta do Vale

Parte 9



A história que aqui vimos contando é, como repetidamente afirmamos, uma história evadida de sentimentos bairristas. Por vezes, o ser-se humano, obriga-nos a deixar que seja o coração a falar. Uma racionalidade extrema conduz-nos a uma teoria quântica cujo teorema é a certeza da incerteza, sintetizada numa probabilidade matemática, que nos transforma em *softwares* tecnologicamente avançados, mas desprovidos de sentimento.

Depois de reconstruir a casa, de transmutar a capela, João de Paiva, mandou construir ramadas, muros, casas de habitação para a família e para os caseiros da Quinta.

Dos sete filhos do casamento com Maria Vera Castelbranco Machado, vários nasceram na Quinta do Vale: Maria Fernanda, João, Vicente e Álvaro.

Sempre atento que estava às necessidades da freguesia, João de Paiva doa, em 1940, o terreno para o cemitério, reservando para si 25 metros quadrados, para construção de um jazigo de família conforme já foi referido nesta Revista, a propósito do historial do cemitério da nossa freguesia.

Em Abril de 1942, João de Paiva compra mais quatro metros quadrados de terreno no cemitério e paga-os, por quatrocentos escudos, preço fixado de venda para o terreno do cemitério, para uma campa destinada ao Colégio da Congregação do Sagrado Coração de Maria, de Vila Pouca.

Depois de ter promovido a iluminação pública, em Covas, em 1936, João de Paiva colabora com a Junta na construção de duas salas de aulas, inauguradas em 28 de Maio de 1957. O presidente da Junta de então, no seu discurso, agradece publicamente a ajuda recebida.

Mas, entretanto, já a Quinta do Vale, havia sido promovida a residência oficial do Presidente da República Portuguesa. Em 1953, por alturas da celebração do primeiro centenário da cidade de Guimarães, e do primeiro milenário da concessão do foral, o então Presidente, General Francisco Higinio Craveiro Lopes, preside às comemorações e fica alojado em Polvoreira, na Casa de Carvalho d'Arca mais conhecida por Quinta do Vale, durante três dias.

Lembro-me de miúdo, oito anos, ver a azáfama dos cantoneiros a arranjar a estrada e perguntar a um, que comia lá em casa, o que estavam a fazer e ele me responder que vinha aí o Presidente da República e estavam a pôr macadame o que eu nunca consegui perceber bem o que era.

"Todos os dias, pela manhã, saía desta casa"... o Presidente da República - como diria a Maria Adelaide, a propósito do homem que está na origem da história de Carvalho d'Arca - em direção à cidade, escoltado por um pelotão da GNR motorizado, com penachos na cabeça.

Percorre a estrada de Covas, agora macadamizada, num descapotável branco e é daí que me acena com o braço direito, aos Polvoreirenses que acorrem às varandas de suas casas, engalanadas com as melhores colchas para o ver passar.

Decorridos 700 anos, depois de Sancho II e Gil Martins, Polvoreira voltou, a capital da Nação.

Em Setembro de 1959, João de Paiva e Maria Vera, celebram cinquenta anos de casados e...*"para comemorar tão festiva data este ilustre casal mandou celebrar, em algumas igrejas locais, missa em acção de graças e, no final, distribuição de um bode aos pobres"*.

O "Grupo Bem-fazer" criado em Polvoreira por Adérito Cunha e que prestava auxílio aos mais necessitados da freguesia, e não só, também não foi esquecido, como noticiava o correspondente do jornal "Notícias de Guimarães", naquela data.

Participativo e empenhado, para além de envolver os Polvoreirenses nas suas comemorações festivas, fez questão, ele mesmo, de participar nas festividades dos Polvoreirenses. Esteve presente na missa nova do Padre Miguel Ângelo onde compareceu com a esposa, a filha primogénita Maria Fernanda de Paiva de Castelbranco Leite Brandão, acompanhada pelo marido, Frederico Clamouse Browne Velloso da Cruz van Zeller.

Em reconhecimento pelo empenho no desenvolvimento da freguesia e das suas gentes, de um ilustre bracarense que escolheu Guimarães e, nele concelho, Polvoreira para viver para além da sua morte, a Junta de Freguesia reconhecida atribui o seu nome à rua que a atravessa de lés a lés e serve a Casa de Carvalho d'Arca, a casa da Quinta do Vale.

«Não podendo a Junta a que presido esquecer a colaboração que lhe foi prestada, aqui deixo o meu agradecimento a todos os que de qualquer modo nos têm ajudado e ousou salientar, sem menosprezo dos restantes, o Sr. Comandante João de Paiva, o nosso Pároco e os subscritores dos donativos que nos permitiram reunir os 20 contos necessários à compra do terreno...».



In "Covas as Origens e as Gentes"

Conhecendo melhor o Padre Isaac

parte II

No mês passado, no registo das memórias do Padre Isaac, recordamos o momento em que realizado o exame de admissão, e aprovado com distinção, recebera em casa uma carta onde era descrito todo o enxoval com que se deveria apresentar, no inicio de Outubro, no Seminário. Disse-nos, então, que o que mais o espantou e achou mesmo engraçado, na altura, foi a imposição que era feita de que todas as peças ali elencadas teriam de ser marcadas com um número. Um número que jamais esqueceu.

- Que número era esse Padre Isaac?

- Era o número 352. Ainda há tempos, ao organizar coisas da minha vida dei de caras com ele, bordado num cobertor!

- Diz isso com uma certa saudade!

- Naturalmente. Quem não tem saudades dum tempo em que se começa a formar verdadeiramente a nossa própria identidade!?

- Mas quando, afinal entrou, efectivamente no Seminário?

- Se bem me recordo, foi a 7 de Outubro de 1947, que entrei para o popularmente conhecido seminário da Tamanca, oficialmente Seminário de N^a Sr^a da Conceição. Tinha doze anos e alguns meses. Se estivesse aqui o Monsenhor Domingos Araújo que foi director do Diário do Minho, meu condiscípulo, por quem tenho grande estima e está vivo como eu, poderia confirmá-lo, ele que é rigoroso em datas.

- Como foi essa viagem?

- Olhe, desde logo, recordo um acontecimento que ainda hoje marca o meu pensamento.

Quando me despedi do meu Pároco, muito respeitado e conceituado, disse-me, com ar muito sério, estas palavras: - Vejo-te a ir mas não sei se te verei a vir. Fiquei a pensar o que queria dizer com aquilo: sentia-se muito doente ou não acreditava que eu viria a ser padre? Deveria ter pena dele ou desconfiar de mim? Certo é que faleceu um dia antes de eu regressar para as minhas primeiras férias de Natal. Ainda vi o seu caixão ser transportado por alguns sacerdotes, entre eles o Monsenhor Gonçalo, o pároco de Louro.

- Mas a viagem! Como correu a viagem?

- Naquele dia, 7 de Outubro, acompanhado por minha mãe, lá fomos nós a pé, até Nine, de mala às costas. Com algum espanto deparei com outros rapazes de malas aviadas que também iam para o Seminário, presumi primeiro e confirmei depois. Eram provenientes de Valença, Monção, Viana, Barcelos e de outras freguesias de Famalicão.

- E os futuros padres de Monção e Viana estudavam em Braga?

- Convém lembrar que, então, não existia a diocese de Viana do Castelo. Só foi criada, em Novembro de 1977, pelo papa Paulo VI.

- Assim já se entende. O ramal da linha do Minho, para Braga, parte de Nine. Os horários dos comboios eram muito espaçados naquele tempo. É natural que se encontrassem todos quantos, do Alto-Mnho, pretendiam chegar ao mesmo destino no mesmo dia!

- Exacto. Embarcamos num comboio a vapor. Ainda me lembro de o ver a ser abastecido de água na estação de Nine. Saímos em Braga.

Alguns dos futuros condiscípulos, acompanhados pelos pais, pareciam mais pequenos que as malas que transportavam. Fomos a pé da estação de Braga até à Rua de S. Domingos, onde se situava o Seminário. Uma boa distância!

- Haveria lá, naturalmente, alguém a recebê-los?

- Já não recordo quem nos recebeu à entrada. Parece-me que fomos primeiramente à secretaria e aí nos indicaram a camarata onde ficaríamos. Lembro-me da minha mãe me ter arrajando a cama para essa noite. No dia seguinte, um sacerdote ensinou-me a fazê-la. Ainda hoje a faço na perfeição, aplicando os ensinamentos que, então, aprendi.

- Certamente a sua mãe chorou muito ao despedir-se de si?

- Sinceramente, julgo que não. Mas eu estava tão eufórico pela nova situação em que me encontrava que nem devo ter reparado! Afinal, tinha apenas 12 anos e oito meses.

- Como era, então, a vida num Seminário?

- Já faz quase 78 anos desde que entrei no Seminário. Acabei de fazer 85. Não será de admirar que muitos acontecimentos se me tenham varrido da memória. Lembro-me de sermos distribuídos por camaratas, um salão onde eram alinhadas as camas, e no centro existia um biombo onde dormia o sacerdote que nos disseram que era o perfeito responsável por tomar conta de nós. Por volta das seis da manhã, tocava a campainha a que se seguiam as palmas do perfeito.

- As palmas? As palmas para quê?

- Havia sempre alguns mais dorminhocos que já haviam interiorizado o som da campainha e continuavam no sono.

- Ah! Sim. É compreensível!

- Dirigiamo-nos ordeiramente à casa de banho enorme onde fazíamos a higiene diária, fazíamos a cama e preparavamo-nos para a oração da manhã na capela do Seminário. Lembro-me do Cónego Azevedo a orientar a nossa meditação a que se seguia a missa.

- Era um rotina diária

- Naturalmente, num Seminário não poderia deixar de ser. Aliás, tinha mesmo um ritual cerimonioso que naturalmente deixa marcas.

Havia sempre um seminarista escolhido, não sei por que critérios, que preparava tudo, desde os paramentos, às hóstias e ao vinho. Ainda hoje me lembro do Pedreira, mais tarde bispo emérito de Viana do Castelo, a desempenhar aquelas funções. _____ António Gomes



No mês passado, fizemos um pequeno resumo da biografia do Padre Isaac. Aí mencionamos que havia concluído Teologia em Dili. Não é verdade. Foi por Influência do Dr. António da Silva Rego e Artur Basílio de Sá, este delegado em Portugal da diocese de Dili, que partiu, não para aqui, mas para Macau, onde conclui Filosofia e Teologia.

Regressado a Portugal, começou a trabalhar no Colégio Egas Moniz exercendo funções docentes e também directivas.

Obteve o bacharelato em Filologia Românica e, mais tarde, o Curso de Complemento para o Exercício de Outras Funções Educativas na área da Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores, sendo-lhe atribuído o grau académico de licenciado.

No mês passado fizemos um pequeno resumo da biografia do Padre Isaac. Ai mencionamos que havia concluído Teologia em Dili. Não é verdade. Foi por Influência do Dr. António da Silva Rego e Artur Basílio de Sá este delegado em Portugal da diocese de Dili que partiu, não para aqui, mas para Macau, onde conclui Teologia.

Regressado a Portugal, começou a trabalhar no Colégio Egas Moniz exercendo funções docentes e também directivas.

Obteve o bacharelato em Filo-logia Românica e, mais tarde, o Curso de Complemento para o Exercício de Outras Funções Edu-cativas na área da Supervisão Pedagógica e Formação de Forma-dores, sendo-lhe atribuído o grau académico de licenciado.

No mês passado, no registo das memórias do Padre Isaac, recordamos o momento em que realizado o exame de admissão, e aprovado com distinção, recebera em casa uma carta onde era descrito todo o enxoval com que se deveria apresentar no inicio de Outubro no Seminário. Disse-nos então que o espantou e achou mesmo engraçado, na altura, foi a imposição que ali era feita de que todas as peças ali elencadas teriam de ser marcadas com um número. Um número que jamais esqueceu.

- Que número era esse Padre Isaac?

- Era o número 352. Ainda há tempos, ao organizar coisas da minha vida dei de caras com ele, bordado num cobertor!

- Diz isso com uma certa saudade!

- Naturalmente. Quem não tem saudades dum tempo em que se começa a formar verdadeiramente a nossa própria identidade!?

- Mas quando, afinal entrou ,efectivamente no Seminário?

- Se bem me recordo, foi a 7 de Outubro de 1947, que entrei para o

popularmente conhecido seminário da Tamanca, oficialmente Seminário de Nª Srª da Conceição. Tinha doze anos e alguns meses. Se estivesse aqui o Monselhor Domingos Araújo que foi director do diário do Minho, meu condiscípulo, por quem tenho grande estima e está vivo como eu, poderia confirmá-lo, ele que é rigoroso em datas.

- Como foi essa viagem?

- Olhe, desde logo, recordo um acontecimento que ainda hoje marca o meu pensamento. Quando me despedi do meu Pároco, muito respeitado e conceituado, disse-me, com ar muito sério, estas palavras: -Vejo-te a ir mas não sei se te verei a vir. Fiquei a pensar o que quereria dizer com aquilo: sentia-se muito doente ou não acreditava que eu viria a ser padre? Deveria ter pena dele ou desconfiar de mim? Certo é que faleceu um dia antes de eu regressar para as minhas primeiras férias de Natal . Ainda vi o seu caixão ser transportado por alguns sacerdotes entre eles o Monselhor Gonçalo , o pároco de Louro.

- Mas a viagem! Como correu a viagem?

- Naquela dia, 7 de Outubro, acompanhado por minha mãe, lá fomos nós a pé, até Nine, de mala às costas. Com algum espanto deparei com outros rapazes de malas aviadas que também iam para o Seminário, presumi primeiro e confirmei depois. Eram provenientes de Valença, Monção, Viana, Barcelos e de outras freguesias de Famalicão.

- E os futuros padres de Monção e Viana estudavam em Braga?

- Convém lembrar que, então, não existia a diocese de Viana do Castelo. Só foi criada, em Novembro de 1977, pelo papa Paulo VI.



Associações

Quando se comemoram os cinquenta anos da UDP ?

Foi lançada, nos primórdios da edição desta Revista, a história da fundação da União Desportiva de Polvoreira. Com os documentos e depoimentos que conseguimos concatenar, afirmamos, então, que a primeira reunião havida no sentido de criar uma associação desportiva na parte alta da freguesia, teria tido lugar no dia de Natal de 1971.

Tal afirmação era sustentada num depoimento escrito por Domingos Coelho, um dos principais promotores da iniciativa. Escrevemos então:

Domingos Coelho, um dos dinamizadores do projecto, estabelece um dia preciso para que a congregação de esforços desse início: dia de Natal, do ano de 1971, dia em que mais se levava ao extremo a rivalidade entre «os de cima e os de baixo».

Com efeito, nesse dia, realizou-se na "tasca" do Aníbal" uma reunião para decidir arranjar um campo onde os jovens dos Carvalhos pudessem exercer a sua actividade desportiva. Por essa altura, os jovens daquela área cimeira da freguesia, jogavam futebol no Monte da Alegria, um terreno impróprio para o efeito, dadas as árvores disseminadas pela área.

Todavia, e como então se referiu, já existia na mente daqueles jovens a vontade de criarem uma associação desportiva e haviam-no mesmo feito, informalmente, como foi assinalado, em Março de 2018, criando cartões identificativos de uma associação com o nome Carvalhos Futebol Clube.

Naturalmente, a reunião na "tasca do Aníbal" ocorrida no final do ano, só permitiu que a constituição de uma comissão para concretizar a ideia, tivesse lugar no ano seguinte, em 1972, tal como aconteceu em Agosto desse ano.

Na Revista de Polvoreira, número 3, informamos também que o primeiro contrato de arrendamento de um campo para a prática desportiva dos jovens dos Carvalhos teve lugar, em Novembro de 1972. A afirmação feita assentava na análise desse mesmo contrato que, pensamos, nos foi facultado por Domingos Coelho, onde, como senhorio, constava Agostinho Guimarães, da casa de Vila Meã, e como arrendatário, Aníbal Lopes Alves.

Todavia este contrato foi denunciado Fevereiro do ano seguinte, em 1973, por se ter constatado que o terreno arrendado precisava de obras significativas de terraplanagem cujos custos foram considerados insuportáveis pela comissão encarregada de concretizar o projecto.

Só no final desse ano, em 14 de Novembro, é arrendado o campo da Enxertaria, hoje propriedade da União Desportiva de Polvoreira e onde, em boa hora, instalou a sua sede. Quem outorga o contrato de arrendamento volta a ser Aníbal Lopes Alves, comerciante e por isso com credibilidade suficiente para o efeito. A associação desportiva ainda não tem personalidade jurídica.

Quando deve ser festejado, então, o aniversário da União Desportiva de Polvoreira?

Naturalmente, há diversas datas possíveis, tal como acontece por exemplo, com a Nação Portuguesa. Nós vimaranenses e com o apoio de muitos historiadores, dizemos que Portugal nasceu em 24 de Junho de 1128, quando se deu a batalha de S. Mamede em Guimarães e Afonso Henriques tomou conta do poder. Outros dizem que foi, em 25 de Junho de 1139, quando Afonso Henriques derrotou os mouros na Batalha de Ourique e aí se proclamou Rei. Ainda outros afirmam que a data é 5 de Outubro, quando o Rei Afonso Afonso VII, de Castela reconheceu como Rei de Portugal, o seu primo Afonso Henriques. Outros, por fim, mais ressabiados, dizem que Portugal só é reino depois de o Papa, Alexandre III, o ter reconhecido, como tal, em 1179.

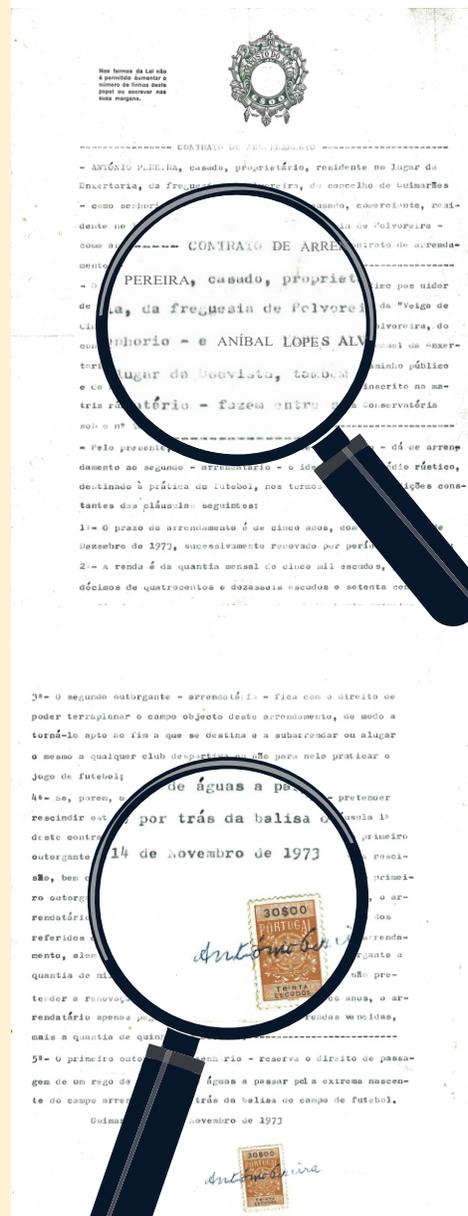
Por isso a decisão da data escolhida para celebrarem o nascimento da UDP deve ser decidida pelos sócios, fundamentada na escolha da data que considerem mais significativa. A data de Dezembro de 1971, quando se realizou a primeira reunião que levou à criação da associação? A data de Agosto de 1972 quando foi constituída a primeira comissão para concretizar o objectivo? A data da celebração do primeiro contrato onde se procura concretizar esses mesmos objectivos?

Repete-se, a decisão cabe aos sócios desde que conscienciosamente delibrem com o conhecimento pleno do seu passado!

P. Torres



CONTRATO DE ARRENDAMENTO
Campo da Veiga ou Veiga de Cima



Vai ficar tudo bem!



O MAIOR DERBY DA TUA VIDA
FICA EM CASA



rubrica

Associações



**O PIOR DO CORONAVÍRUS:
mais que infecção é solidão!**



UCCI S. Pedro, Polvoreira

Os nossos pais, os nossos avós são as principais vítimas desta pandemia. Por causa disso foram postos em causa muitos centros de idosos, muitos lares, muitas unidades de cuidados intensivos.

Felizmente na nossa freguesia, tais unidades passaram, até ao momento, incólumes ao furacão.

Por isso está esta página inteiramente dedicada a elas. Aos nossos idosos que tiverem de estar recolhidos a ver passar o furacão e a todos os trabalhadores daquelas unidades que dedicadamente laboraram para os proteger.

Bem hajam!



Centro Social da Paróquia de Polvoreira



A solidão

*É uma prisão sem grades
É uma ausência de companhia
É um vazio durante o dia
É o silêncio da noite*

*É o eu sem nós
É o silêncio da voz
É o frio da madrugada
É o tudo sem nada*

*É a dor da infecção
É a dor do isolamento
É morrer por dentro*

*É apenas você e Jesus
É uma cruz pesada
É a certeza de que não somos nada!*

de Adailton Faria



Bem-aventurados aqueles que compreendem os meus passos vacilantes e as minhas mãos trémulas.
Bem-aventurados os que levam em conta que meus ouvidos captam as palavras com dificuldades.
Bem-aventurados os que percebem que meus olhos já estão nublados e as minhas reacções são lentas.
Bem-aventurados os que sorriem e conversam comigo.
Bem-aventurados os que nunca me dizem: "Você já me contou isso tantas vezes!
Bem-aventurados os que me fazem sentir que sou amado e não estou abandonado, tratando-me com respeito.
Bem-aventurados os que me amenizam os meus últimos anos sobre a terra.
Bem-aventurados todos aqueles que me dedicam afeto e carinho fazendo-me, assim, pensar em Deus.
Quando entrar na eternidade, lembrar-me-ei deles, junto ao Senhor.





rubrica

dos porquês

"Não tenha o leitor a menor dúvida: está a aproximar-se de Portugal um gigantesco tsunami com um potencial de destruição humana inimaginável. Muitas pessoas ainda vivem como se estivéssemos numa calma expectativa de que talvez ele passe ao largo. Não tenha ilusões: ele está aí para rebentar já esta semana"



Há cerca de mês e meio, as notícias sobre a pandemia Covid-19 eram catastróficas. Os matemáticos entraram pandemia adentro e começaram a fazer cálculos que puseram a população em pânico e com eles influenciaram o poder político.

No dia 15 de Março, num jornal diário de grande audiência, eram escritas as frases destacadas em cima. Juntavam-se tabelas tenebrosas (ao lado) do número de infectados previstos para as próximas duas semanas, uma com valores máximos, outra com valores mínimos.

Extrapolando os valores mínimos daquela tabela para o dia vinte e cinco de Abril, concluiríamos que, nesse dia, todos os portugueses estariam infectados. Por outro, ao afirmar-se que a taxa de letalidade do vírus era de 5% concluir-se-ia que, neste momento, mais de um milhão de portugueses teriam perecido.

A realidade tornou patéticos aqueles números. Portugal tem hoje, 27 de Abril, 24.027 infectados e 928 mortos.

Dia	Número de casos
14/3	245
15/3	318 a 340
16/3	414 a 474
17/3	538 a 659
18/3	700 a 917
19/3	911 a 1275
20/3	1185 a 1774
21/3	1541 a 2468
22/3	2004 a 3433
23/3	2606 a 4775
24/3	3389 a 6642
25/3	4408 a 9239
26/3	5732 a 12852
27/3	7454 a 17876
28/3	9694 a 24866
29/3	12607 a 34587
30/3	16395 a 48110



Maria Manuel Mota

Há dias, Maria Mota, avisava: *Não entrem em pânico. O coronavirus é relativamente bonzinho. É necessário proteger os mais idosos mas não se pode estagnar a vida dos mais jovens.*

Maria Manuel Dias da Mota, é uma cientista portuguesa que investiga, há cerca de vinte anos, a malária e é actualmente directora executiva do Instituto de Medicina Molecular. Formada na Universidade do Porto e no University College of London, recebeu, em 2013, o prémio Pessoa e, em 2018, o prémio Sanofi-Pasteur, pela sua investigação do parasita da malária.

Hoje mesmo, 27 de Abril, André Dias enviou uma carta a Marcelo Rebelo de Sousa na qual lhe pede que, em nome da saúde dos portugueses, termine com o estado de emergência.

André Dias é Doutoramento em Modelação de Doenças Pulmonares, pela Universidade de Tromsø, na Noruega, casa do Centro Norueguês de Telemedicina, parceiro de referência da OMS. Desenvolveu um trabalho experimental no Instituto de Estatística médica e Epidemiologia da Universidade Técnica de Munique, em colaboração com o Helmholtz Zentrum, uma das mais prestigiadas instituições do mundo na área de investigação em epidemiologia.



André Dias

Nessa carta refere nomeadamente:

“No momento em que a Covid-19 chegou ao nosso país, os conhecimentos existentes sobre o vírus eram muito escassos. Todos os modelos desenvolvidos para estimar as possíveis consequências do desenvolvimento da doença tinham carácter sobretudo especulativos e, como tal, provisórios – como, aliás, todos os modelos sempre têm. Um desses modelos, desenvolvido pelo Imperial College, apresentou grandezas numéricas de ordem catastrófica para a vida humana. Por ter sido um dos primeiros e por ser proveniente de uma instituição prestigiada, esse estudo foi o que exerceu maior influência académica sobre os governos, os quais se sentiram tanto pressionados como legitimados a agir no sentido da prevenção e defesa da saúde dos seus cidadãos”.

“Em simultâneo, temos agora suficientes evidências científicas para afirmar, com relativa confiança, que as consequências da epidemia são e serão muito inferiores às previsões catastrofistas iniciais. Alguns estudos sugerem mesmo que a taxa de mortalidade da Covid-19 é pouco superior à da gripe comum. Os testes de anticorpos que têm sido realizados são objetivos e claros. As estimativas de alguns dos maiores especialistas mundiais e de algumas das instituições mais consagradas no campo da epidemiologia são coerentes. Uma larga percentagem da população – entre 50 a 85 vezes mais do que até agora julgávamos – pode já ter sido inoculada pelo vírus. Como tal, a taxa de letalidade é muito inferior ao estimado e logo o risco é, afinal, muito inferior. As melhores estimativas de taxa de letalidade colocam-na abaixo dos 0,36%. Não se trata de uma calamidade sanitária”.

“Tendo em conta os nossos conhecimentos atuais sobre a Covid-19, sabemos hoje que as medidas preventivas de contenção já não são necessárias sob um ponto de vista sanitário, e que, como tal, deveriam ser imediatamente levantadas. Outros tantos estudos sugerem ainda que as medidas preventivas serão mais danosas para o tecido social do que a própria doença, podendo mesmo ser associadas a um número superior de óbitos a médio a longo prazo.”

Nuno M. P. de Abreu



rubrica

da saúde



TELEREABILITAÇÃO
FISIOTERAPIA
Clihotel de Guimarães

WWW.CLIHOTEL.PT

É POSSÍVEL TER ACESSO A FISIOTERAPIA À DISTÂNCIA?

Estar confinado pode ser uma situação desagradável, mas não impede o acesso a cuidados de saúde fundamentais para o nosso dia a dia. Atualmente, a telereabilitação permite que um paciente seja tratado à distância, com excelentes resultados, em clínicas preparadas para o efeito. É o caso do CliHotel de Guimarães, que reúne as condições necessárias para lhe disponibilizar sessões de fisioterapia por videochamadas.

Através de um telemóvel, tablet ou computador, com acesso à internet, é possível realizar uma videochamada com um fisioterapeuta que irá primeiramente conversar com o paciente e verificar, através de um conjunto simples de perguntas, se existem as condições suficientes para a telereabilitação, sozinho ou acompanhado por um familiar. Após uma análise completa do perfil do paciente, o fisioterapeuta poderá orientar exercícios por videoconferência, observar a sua mobilidade e fornecer orientações gerais

Neste período de pandemia em que, por um lado, a palavra medo surge muitas vezes, principalmente na mente dos que precisam de apoio na área da saúde, e por outro o excesso de informação pode confundir ainda mais quem está em casa, é importante deixar claro alguns conceitos, neste caso concreto, sobre Fisioterapia. Desta forma, ficará a perceber melhor a sua importância e a necessidade de ter acesso a um fisioterapeuta, mesmo à distância

A Fisioterapia promove, desenvolve, mantém e reabilita as capacidades de mobilidade e funcionalidade das pessoas ao longo de toda a sua vida. O fisioterapeuta identifica as necessidades a este nível de cada paciente e, através das técnicas e procedimentos adequados, procura que este consiga manter as suas atividades diárias. É, portanto, uma área da saúde direcionada especificamente para a prevenção, diagnóstico e tratamento.

Deverá recorrer a um fisioterapeuta sempre que um determinado movimento e função sejam ameaçados pelo envelhecimento, lesões, dor, doenças, distúrbios, condições ou fatores ambientais. É fundamental que o indivíduo nestas condições não desvalorize estes sintomas, uma vez que o movimento funcional é fundamental para uma vida saudável, e procure a ajuda de um fisioterapeuta, nesta época em que se combate o novo coronavírus, por videochamada.

Associamos muitas vezes a fisioterapia à simples massagem. No entanto, esta especialidade é mais abrangente: há um planeamento para cada intervenção específica, consoante o indivíduo e a patologia, que combina diferentes abordagens terapêuticas, para resolver o problema de forma eficiente, com o intuito de melhorar a qualidade de vida.

A fisioterapia permite assim a recuperação motora eficaz, sem prejudicar nenhuma outra funcionalidade do corpo, através da implementação de técnicas específicas, para além de prevenir problemas físicos e mentais futuros.

A fisioterapia consegue abarcar diferentes áreas da saúde humana, consoante o problema apresentado. Para que perceba a sua abrangência abordamos sucintamente cada uma delas:

A Fisioterapia neurológica atua nas patologias que envolvem o sistema nervoso central ou periférico, provocando distúrbios neurológicos, motores e cognitivos, que se traduzem em alterações complexas do movimento e função.

A Fisioterapia pediátrica previne e trata as condições de saúde específicas em bebés, crianças e jovens até aos 18 anos.

Na Fisioterapia músculo-esquelética, a intervenção visa prevenir e tratar problemas com origem no sistema neuro-músculo-esquelético.

A Fisioterapia gerontológica consiste na abordagem integral e humanizada do sénior, com enfoque nas particularidades do processo de envelhecimento.

A Fisioterapia cardiorrespiratória atua numa rede alargada de condições de saúde que têm impacto sobretudo nos sistemas cardíaco, respiratório, vascular e metabólico.

Na Fisioterapia desportiva previne-se e trata-se de forma eficaz as lesões e procura-se melhorar a performance desportiva.

A Fisioterapia para amputados visa a prevenção, diagnóstico e tratamento de condições de saúde relacionadas com a amputação.

A Fisioterapia oncológica tem como objetivo preservar, manter ou recuperar a integridade cinético-funcional de órgãos e sistemas, assim como prevenir os distúrbios causados pelo tratamento oncológico, promovendo o bem-estar e a qualidade de vida do paciente oncológico.

A Fisioterapia dermatofuncional é responsável pela promoção e reabilitação da funcionalidade do sistema regumentar e dermatológico.

Como pode verificar, a fisioterapia é capaz de atuar nas mais diferentes patologias e melhorar a qualidade de vida dos seus pacientes. Caso identifique algum destes sintomas ou tenha a seu cargo um familiar nestas condições não hesite em contactar um fisioterapeuta perto de si. O CliHotel de Guimarães dispõe de uma equipa especializada de fisioterapia que o poderá ajudar – mesmo à distância – a melhorar a sua qualidade de vida.



rubrica

a nossa...

TELE



ESOC

O projecto da Escola Básica de Ensino Mediatizado, lançado em Portugal pelo Decreto-Lei n.º 43.136, do tempo de Salazar, mais que, como muitas vezes é referido, um projecto salazarista, constituiu, pelo contrário, como diz Manuel Pinheiro, antigo membro da Direcção Regional de Educação Norte, DREN, um «trampolim para jovens que viviam fora dos centros urbanos poderem prosseguir os seus estudos para além dos primeiros quatro anos».

Mas a Telescola não viveu apenas de jovens alunos, bem pelo contrário. Como as emissões escolares eram emitidas em canal aberto, qualquer pessoa que acesse à televisão poderia aprender pelos seus próprios meios. Recorda de novo, Manuel Pinheiro: - Muitos adultos, guardas-fiscais e reclusos seguiam as emissões e candidatavam-se a exames nacionais, depois. Era uma forma de ensino, engenhosa, simples, fácil e barata, para alargar o ensino até ao sexto ano. Trinta por cento dos alunos portugueses dos quinto e sexto anos eram, nos anos setenta, escolarizados pela telescola

A vulgarmente designada telescola foi solução para três problemas: a motivação escolar, as assimetrias sociais e os custos do ensino. O Ensino Básico Mediatizado surgiu com os primeiros passos da TV e quis usá-la para trazer um cheirinho a modernidade aos programas escolares, uma forma de dar rosto aos programas tantas vezes desmotivadores para o aluno comum. Com a TV e através dela, os alunos podiam aprender a matéria, não apenas ouvindo alguém explicar os seus detalhes, mas vendo-a num ecrã o que, nos anos setenta, era, no mínimo, uma forma moderníssima de aprender.

As potencialidades estavam à vista: os resultados escolares dos alunos eram tão bons quanto no ensino directo e os professores, por seu turno, recebiam formação regularmente. Havia, ainda, toda uma estrutura de acompanhamento da execução dos programas como em nenhum outro sector do ensino.

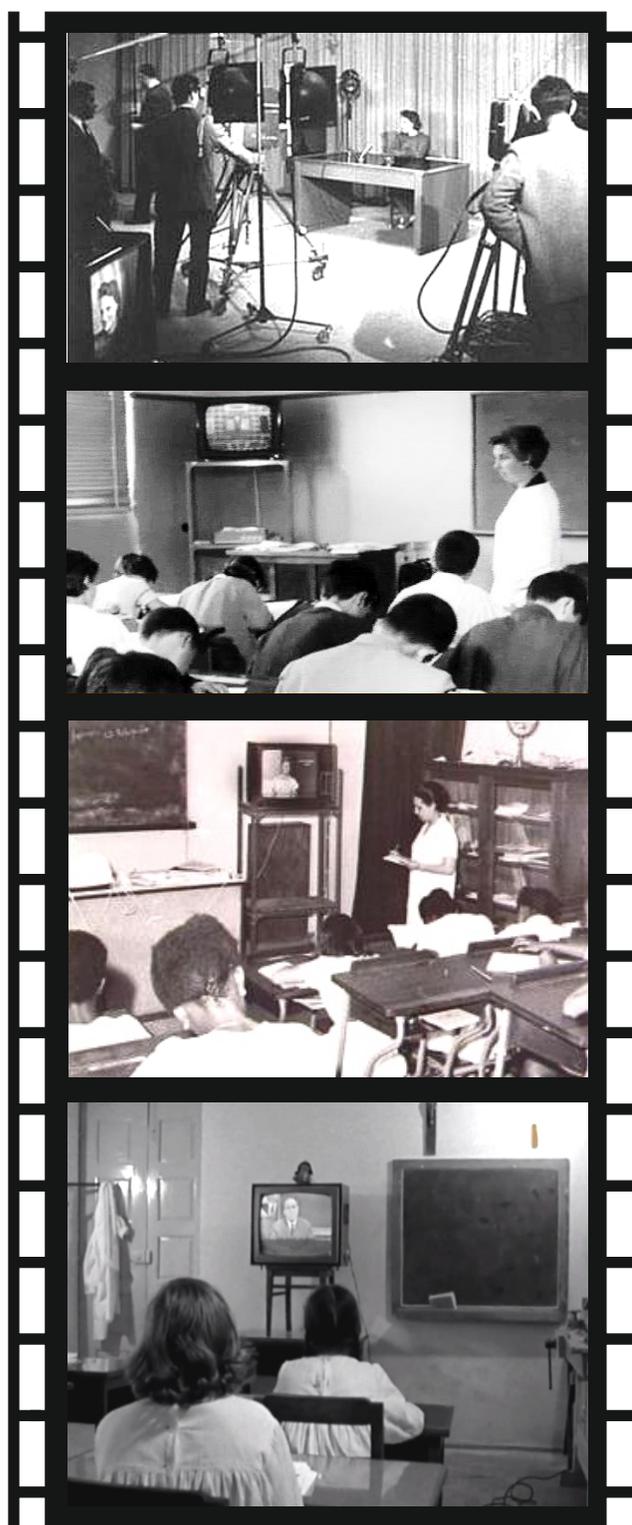
Naquele tempo, a televisão era um objecto raro e muitos miúdos não tinham então TV em casa. Por isso, mal chegava a hora certa, paravam tudo o que estivessem a fazer, descansavam canetas e lápis, fechavam livros e cadernos e concentravam os olhos no ecrã, à espera do mágico genérico inicial que sempre abria os programas. E os minutos seguintes eram de uma tal atenção e seriedade que as crianças repetiam escrupulosamente todas as directrizes dadas pelos senhores que viam na televisão.

A televisão usada na escola permitia ainda aos alunos menos favorecidos ter contacto com realidades que, provavelmente, eles nunca viriam a conhecer, mostrar-lhes o mundo tal como ele era.

Os meninos das pequenas aldeias e lugares de Portugal não tinham igualdade de oportunidades relativamente aos dos centros urbanos. Viviam isolados e centrados numa realidade agrícola e familiar que nem sempre valorizava a escola.

A telescola veio dar voz e importância a todas estas crianças, arrastou professores, reabilitou antigas salas de aula, deslocou equipamentos e materiais e fez com que, onde antes havia uma casa abandonada com uma velha ardósia na parede, nascesse um espaço de convívio e aprendizagem, um espaço onde uma caixa de sons e imagens trazia para a pequena aldeia outras partes do mundo.

Texto baseado no artigo de 1 .12.2003, de Luísa Godinho



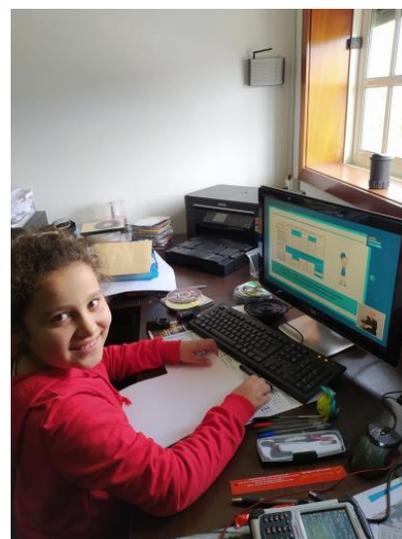


TELESCOLA

A Nova Telescola

A Direção-Geral de Educação anunciou o lançamento de cinco canais de YouTube, convidando professores do pré-escolar ao secundário a disponibilizar nesse meio aulas e outros conteúdos educativos. O projecto está incluindo na iniciativa #EstudoEmCasa, a “nova Telescola” que tem programação na RTP Memória que tem obtido recordes de audiência. A ele está associado um site de suporte com a tecnologia da RTP Play.

Os conteúdos para a "nova Telescola" resultam de um esforço de trabalho em contrarrelógio entre o Ministério da Educação, a RTP e uma equipa de professores convidados. Mas o Ministério, através da DGE, quer alargar os conteúdos da Telescola com a ajuda voluntária de mais professores.



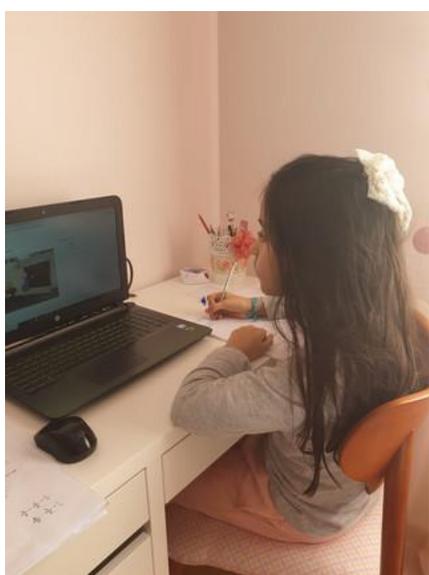
Opiniões de Alunas do 1º Ciclo

Luísa, é aluna do 1.º ano, reside em Cascais, mas está a fazer quarentena em Proença-a-Nova. Gostou da professora Isa, mas já ouviu a história da mosca fosca "montes e montes de vezes", até porque tem o livro em casa. À pergunta se gostava mais da professora Isa ou da sua disse: "Olha, isso eu não sei. Se as duas estivessem a trabalhar, escolhia as duas. As duas são boas e eu não sei quem devia escolher".

Leonor é aluna do 2.º ano, em Braga. A aula da professora Isa foi seguida por ela com atenção. Quando questionada sobre o que achava sobre as aulas na televisão respondeu prontamente: "Fixe!". Também gostou da professora, da sala de aula, das histórias que não conhecia e confessou até que "estas aulas são um pouco mais fáceis" do que as outras que "eram mais ou menos difíceis".



Maria, aluna do 3.º ano, de Mafra, teve aula de Português e Matemática. "Foi giro", mas as "coisas iam muito rápido, é difícil de acompanhar", exclamou quando questionada sobre o que achou deste novo método de aprender. Gostou dos novos professores e das aulas, mesmo apesar de algumas matérias não serem uma novidade, como foi o caso da Matemática, pois já tinha aprendido os horários. Enquanto falava da disciplina de Português e dizia que a aula "até foi fácil", referiu que "Foi um bocadinho difícil de acompanhar a parte dos exercícios".



Matilde, não deixou de cumprir as atividades sugeridas pelos professores da telescola. Ainda não tinha sido feita uma pergunta à aluna do 4.º ano, de Braga, quando começou logo por dizer: "Gostei da escola na televisão". Gostou dos novos amigos da Matemática, o Miro e a Mirita - duas personagens construídas pelos professores - que a ajudaram a perceber a matéria.

Tem saudades dos amigos e das brincadeiras da escola, mas pensa que se vai habituar ao novo paradigma imposto pelo coronavírus. Com muita naturalidade afirma: "São aulas diferentes, são aulas em casa". Matilde diz que as aulas de hoje foram fáceis e por isso, desenhou uma carinha - que pintou a verde - para mostrar que a autoavaliação foi positiva. Aliás, o único problema que referiu foi o mesmo que as outras crianças: o ritmo das aulas. Teve que tirar fotografias à televisão para depois estudar os slides.

Resumo de uma reportagem do Público de 23 de Abril



da nossa janela...

Maria de Sousa



Identidade

Maria de Sousa tinha em casa, à entrada, quadros virados ao contrário. Explica ela que é para lembrar a história do Chiquinho, um menino a olhar um painel virado ao contrário em que Judas está a beijar Jesus e fica satisfeito por ver finalmente alguém a beijá-lo. Porque, diz: em ciência é fundamental ver o que as outras pessoas não vêem. O [Steve] Wozniak e o Steve Jobs, o Hewlett e o Packard, o George Lucas: era miudagem a brincar numa garagem.

Poema

Carta de amor numa pandemia vírica
Gaita-de-fole tocadas na Escócia
Temores cantam das varandas de
Itália.
Os mortos não os ouvirão
E os vivos querem chorar os seus
mortos em silêncio.
Quem pretendem animar?
As crianças?
Mas as crianças também estão a
morrer.
Na minha circunstância
Posso morrer
Perguntar-me-ão se vos irei ver de
novo
Mas antes de morrer
Quero que saibam
O quanto gosto de vós
O quanto me preocupo convosco
O quanto recordo os momentos
partilhados e queridos
Momentos então
Eternidade agora
Poesia riso o sol-pôr no mar
A pena que a gaivota levou à nossa
mesa
Pequeno almoço
Botões de punho d' oiro
A magnólia
O hospital
Meias pijamas e outras coisas
acauteladas
Tudo momentos de então
Eternidades agora
Porque posso morrer e vós tereis de
viver
Na vossa vida a esperança da minha
duração.

Maria de Sousa, 3 de Abril, 2020

Retrato

"Desconcerta. É subtil. Fina como um alho, como se dizia antigamente. Tudo com um sorriso resplandecente. Maria de Sousa é uma cientista que se diverte como uma criança. Tem 75 anos.

Saiu em 1964 para trabalhar em Inglaterra e Estados Unidos.

Regressou em 1985 e foi professora catedrática de Imunologia do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.

Publicou um livro *Meu Dito Meu Escrito* sobre ciência e cientistas, com um "monólogo da caneta".

O livro reúne textos escritos ao longo de anos, apresentados em conferências, publicados em revistas e jornais. Também anotações, dedicatórias, memórias.

Encontramo-nos numa casa que foi a dos seus pais, prenhe dessas e de outras memórias, atulhada de livros, com elementos que suscitam a curiosidade. Uma casa onde veio dar depois dela ter saído, há cinquenta anos. Desde (quase) sempre o seu lugar é o mundo. Desde, desde sempre o seu lugar é o do que lhe é essencial.

A vida à volta está entre o banal e o precioso. Sem muitas coisas, sem peneiras. Não está aqui para ser famosa. Mas é. Uma referência na área da Imunologia. Um *paper* seu, de 1966, continua actual.

Tanto fala de um sábio do século XVI como de um aluno que está na Suíça. Não é que tudo seja equivalente, do mesmo saco. O mundo todo é que lhe interessa. Talvez seja por isso que está sempre a fazer perguntas. Umas são assumidas na entrevista, outras ficaram de fora.

Engrossa o coro dos que pedem que não cesse o investimento da ciência, até porque "na ciência não há Saramagos", escreve no livro. No sentido em que não é possível ao cientista refugiar-se numa ilha, despojado de materiais, sem contexto, e ser o prémio Nobel.

"O progresso tecnológico e de equipamentos é de tal ordem que não podemos não os ter. Há que investir. Tem que se pôr dinheiro nos laboratórios! As consequências são terríveis, serão terríveis [se não se investir]."

Prólogo de uma entrevista de Anabela M. Ribeiro



O Reconhecimento de Portugal

Recebeu de Mário Soares, em 9 de junho de 1995, a medalha de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

Em 2004, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior atribui-lhe o prémio "Estímulo à Excelência".

A Universidade do Porto atribui-lhe o título de Professor Emérito, em 2010. Em 2011, foi-lhe atribuído, pelo seu trabalho sobre o sistema imunológico, o Prémio "Universidade de Coimbra".

A 20 de janeiro de 2012, foi feita Grande-Oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada pelo Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva. A 18 de novembro de 2016, foi elevada a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa.

Deixou mais de 60.000 documentos, a maior parte composta por originais da autora, mas também de outros cientistas, correspondência, recortes de jornais e revistas, lamelas de vidro usadas nos microscópios, um tesouro científico que doou, na íntegra, à Câmara Municipal de Cascais, para a criação de um Centro de Ciência, Cultura e Arte.



Gente de quem temos saudade!

da nossa janela...

Ser Português

“Um dia, Luís Sepúlveda desembarcou em Madrid, vindo da Alemanha. Com ar de pugilista atarracado, os polícias do aeroporto aborreceram-no durante horas, desconfiando que ele seria um imigrante clandestino ou um traficante de droga disfarçado.

Depois de uma série de telefonemas, deixaram-no em paz. De seguida vem para Portugal. À chegada à Portela, dirigiu-se ao guichet dos cidadãos não-comunitários e mostrou o passaporte. O agente abriu lentamente o passaporte, folheou-o, olhou demoradamente a fotografia, encarou o sul-americano que tinha à frente com a minúcia de um cão de fila. Sepúlveda pensou que o esperava o calvário de Madrid. Engoliu invectivas contra a puta da vida, contra os países do Sul da Europa que cada vez mais se parecem com os do Norte, e contra o capitalismo internacional. O agente da fronteira, tímido, ousou perguntar:

- O senhor chama-se Luís Sepúlveda?
- Sim, regougou.
- O senhor é romancista?
- Sou, replicou já um tanto amaciado.
- É autor de um livro chamado O Velho Que Lia Romances de Amor?
- Sou, disse já espantado.
- Então, passe, seja feliz em Portugal, e escreva um livro sobre nós.

O rebelde Luís Sepúlveda rendeu-se, falou em comprar casa em Portugal e vir para cá viver. Não viveu tempo suficiente para o conseguir. Mas um país no qual os polícias reconhecem os escritores estrangeiros é obrigatoriamente um país diferente”.

Zorbas, um gato grande preto e gordo, mora numa casa perto do porto de Hamburgo. Durante umas férias, fica só em casa. Um dia, aterra na sua varanda uma gaivota moribunda, Kengah, que tinha sido apanhada por uma maré negra. Antes de morrer, põe um ovo e obriga Zorba a assumir três promessas: não comer o ovo, tomar conta da cria e ensiná-la a voar. Sem compreender a responsabilidade e dificuldade da sua missão, Zorbas concorda.

Decidido em cumprir sua palavra de gato de porto, empenha-se na educação da gaivotinha. Procura os seus fiéis amigos para o ajudarem. Através das enciclopédias de *Sabetudo* e da boa vontade do grupo, juntamente com o sentido de dever e de honrar a palavra dada, os gatos têm pela frente uma difícil tarefa, cheia de peripécias.

Desde o primeiro dia, a gaivotinha é bem aceite e acarinhada pelo grupo, começa a achar que é um gato também. Assim, é com estranheza que vê os esforços dos amigos em educá-la e transformá-la numa verdadeira gaivota. No entanto, a sua verdadeira natureza prevalece e, também, ela sente o desejo de voar. Numa noite chuvosa, com a ajuda de um humano, o Poeta, Ditós, abre finalmente as asas, segue o seu destino e voa.

Zorbas emocionado, fica contudo feliz, porque a sua amiga segue o seu caminho e ele cumpriu a sua palavra de gato.

António José Bolívar, é um velho que vivia numa aldeia no meio da floresta Amazónica com a sua mulher Dolores. Aí aprendeu com as tribos shuar a conviver com a floresta, movendo-se a caçar e a pescar à maneira dos shuar e, mesmo, a falar a sua língua. António Bolívar era amigo de um dentista, Rubicundo Loachimín, um homem que desprezava o governo e que vinha esporadicamente a uma aldeia isolada, realizar tratamentos dentários aos seus habitantes. Por pedido do velho, o dentista sempre que visita a aldeia trazia-lhe romances de amor. Eram a única companhia do velho nas solitárias noites Amazónicas. Um dia, um barco shuar trouxe um gringo morto e o administrador, que os locais chamavam de, A Babosa, tentou acusar os indígenas de o terem matado. O velho interveio e ao analisar o corpo chegou à conclusão que o homem tinha sido morto por uma onça sedenta de sangue e agonizando de dor, depois deste mesmo gringo, lhe ter morto as crias e ferido o macho. A Babosa organizou uma expedição para encontrar e matar a onça, contudo, depois de alguns dias na floresta, o administrador disse ao velho que se encarregasse ele sozinho da onça enquanto ele e os demais voltavam à aldeia para colocar todos em segurança. António encontrou a onça e depois de várias horas de luta complicada, António foi mais esperto e conseguiu matá-la.

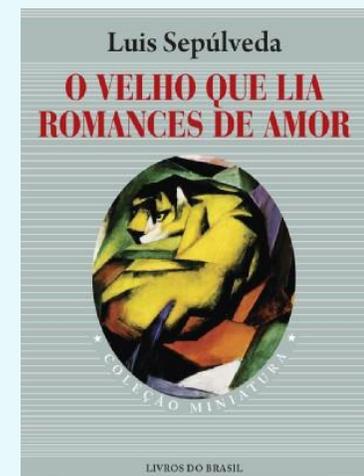
A. do Ribeiro do Pinto

Luís Sepúlveda



Luís Sepúlveda é o autor chileno mais lido da actualidade. A popularidade internacional que possui só pode ser comparada à anteriormente obtida pelo poeta, Pablo Neruda.

Os romances de Luís Sepúlveda tem em comum a valorização da lealdade e do amor pela natureza. Diz ele: “Os amigos velam pela alegria um do outro partilham as pequenas coisas que alegram a vida. Mas, acima de tudo os amigos partilham o melhor que têm” e sabem escutar o que uns e outros têm para dizer.





Os Mártires de Marrocos e Santo António

Sexta Feira, 16 de Novembro de 1264

Embora não tivesse sonhado com os Mártires de Marrocos, mas antes com os meus tempos de meninice em terras de Polvoreira, logo que acordei, a história comovente daqueles mártires ocupou por completo a minha mente e deixei-me ficar muito bem aconchegada no meu leito, vendo desfilar os personagens desta bonita história!

Parece que um Francisco, que não se chamava assim mas adoptou esse nome, natural de Assis, uma povoação da Úmbria, na península itálica, para oriente de França, era um rico que depois de muita mundanice se dedicou aos pobres e fundou uma ordem de frades pregadores e mendicantes.

Dois anos depois de morrer, já era declarado Santo pelo papa Gregório IX, o papa que garantia ao nosso Sancho que ele não poderia ser excomungado desde que fizesse guerra aos muçulmanos. De lá enviou seis frades menores para Hispânia, para converter os sarracenos do sul e mesmo aqueles do lado de lá do estreito de Gibraltar. Dos seis, chegaram a Coimbra cinco e foram recebidos pela Rainha D. Urraca, a esposa de D. Afonso.

A rainha perguntou-lhes se, estando eles tão perto de Deus dada a sua santidade, lhe poderiam dizer quem morreria primeiro: se ela, se o rei. O frade que chefiava os demais e se chamava Bernardo, disse-lhe então:

- Morrerá primeiro quem primeiro vir os nossos corpos degolados, as nossas relíquias.
- As vossas relíquias? - interrogou a rainha.
- Sim, iremos para Marrocos e aí seremos imolados em nome de Jesus Cristo. Alguém trará de lá os nossos corpos sem vida. Quem dos dois, primeiro os vir, será quem primeiro morrerá.

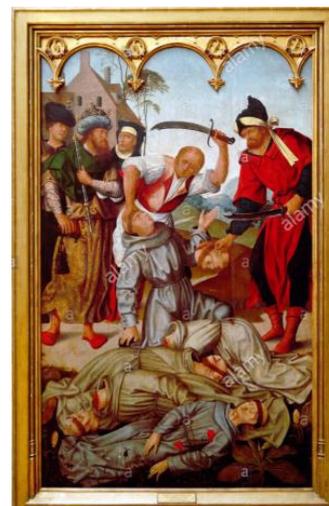
D. Pedro Sanches que quis fugir à disputa que se seguiu à morte de seu pai, Sancho, entre o seu irmão mais velho e sucessor no trono, e as suas irmãs, resolveu reunir um grupo de soldados cristãos e partir para Marrocos, para ajudar o califa almóada Yusuf al-Mustansir, conhecido pelo Miramolim de Marrocos, numa revolta interna que enfrentava. Aproveitou e levou os frades consigo determinados que estavam, diziam, "a converter à fé de Jesus Cristo, o miramolim que, sendo cabeça do império africano, convertido ele, seria causa de todo o reino se converter pelo seu exemplo".

Na verdade – explicaram-me, quando me contaram a primeira vez a história - nos primeiros tempos da reconquista, havia, por vezes, tempos de concórdia e mesmo cooperação, sobretudo comercial, entre os diferentes reinos da Península, muçulmanos e cristãos. Um exemplo, bem flagrante, foi o do avô do nosso primeiro rei, Afonso VI, o imperador, que, em 1072, antes de o ser, foi encarcerado, em Burgos, pelo seu irmão Sancho. Fugiu e foi-se refugiar em Toledo, onde reinava Al-Mamun que o acolheu. Quinze anos depois, havia de conquistar aquela cidade e fazer dela capital do seu império.

Presos e soltos várias vezes, os frades não desistiam da pregação de que Francisco, de Assis, os encarregara e aconteceu até que, numa tarde, no regresso vitorioso de um combate contra os muçulmanos, os cristãos se encontraram no deserto sem gota de água e morreriam à sede se os frades não tivessem feito brotar das areias escaldantes a água bendita para lhes apagar a sede. Saciados e cheios os odres, a fonte secou. Insistindo na pregação nas mesquitas, acabaram presos, açoitados, arrastados por cavalos, queimados com azeite a ferver. O miramolim bem tentava dissuadi-los de pregarem contra o Islão, chegando mesmo a oferecer-lhe mulheres, mas os frades, sempre que eram soltos, voltavam a diabolizar as práticas muçulmanas, anunciando-lhes a chegada do mafarrico. Cansado, o mirabolim mandou-os decapitar, em 16 de Janeiro de 1220. O Infante D. Pedro, que assistiu impotente a este martírio, ainda conseguiu subornar os guardas muçulmanos e resgatar os corpos dos mártires que trouxe para Portugal, no Outono daquele ano. Depois de ver os corpos, a rainha D. Urraca morreu de seguida. Em Novembro, de 1220.

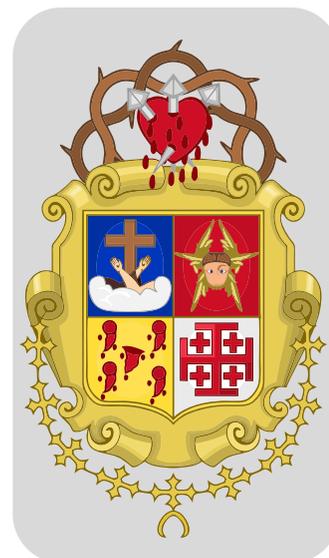
Quem vivia por essa altura em Lisboa, no Convento de S. Vicente de Fora, era António, de seu nome de baptismo, Fernando, que professara na Ordem de Santa Cruz. Ao tomar conhecimento da chegada dos corpos dos Mártires de Marrocos e da coragem demonstrada em defesa da nossa fé, António mudou-se para a ordem franciscana de imediato, e errando pelos caminhos de Portugal e França, chegou à Península Itálica, onde conheceu Francisco que logo o encarregou, dados os seus conhecimentos teológicos, de pregar contra os hereges albigenses e valdenses. Morreu em Pádua, em 13 de junho de 1231, e, decorrido menos de um ano, em Maio do ano seguinte, o tal papa Gregório declarava-o Santo. Foi a canonização mais rápida da história da Igreja, até hoje. Passamos a venerá-lo como Santo António de Lisboa.

Nuno A.P.O.E. de Abreu



Quadro «Os Mártires de Marrocos»

Brasão da Ordem dos Franciscanos



Santo António de Lisboa





info

paróquia

Uma Páscoa Diferente

“Este não é tempo para a indiferença, porque o mundo inteiro está sofrendo e deve sentir-se unido ao enfrentar a pandemia”

“Nesta noite, ressoou a voz da Igreja: ‘Cristo, minha esperança, ressuscitou!’. É um ‘contágio’ diferente, que se transmite de coração a coração, porque todo o coração humano aguarda esta Boa Nova.

É o contágio da esperança.”

“Este não é tempo para egoísmos, pois o desafio que enfrentamos nos une a todos e não faz distinção de pessoas.”



O Papa Francisco, a 29 de Abril, recordou no Vaticano quem perdeu o emprego por causa da pandemia, apelando a uma resposta solidária, em particular na União Europeia.

“Pela sua intercessão, confio à misericórdia de Deus as pessoas atingidas pelo desemprego, por causa da atual pandemia. Que o Senhor possa ser a Providência de todos os necessitados e encorajar-nos a ajudá-los”, disse.

O Papa invocou Santa Catarina de Sena, para que proteja a Itália e a Europa, para que esta permaneça “unida”, neste tempo de pandemia.

“Esta grande figura feminina tirou da comunhão com Jesus a coragem da ação e aquela esperança inesgotável que a sustentou nas horas mais difíceis, mesmo quando tudo parecia perdido”, referiu.

Francisco desejou que o exemplo de Santa Catarina inspire nos católicos um “intenso amor pela Igreja” e uma “eficaz solicitude em favor da comunidade civil, especialmente neste tempo de provação”.

Benção à cidade e às populações de Guimarães

A Reitoria do Santuário da Penha realizou no domingo, dia 19, uma cerimónia de Consagração e Bênção à Cidade e Concelho de Guimarães e a todos os seus cidadãos e instituições, num tempo em que nos debatemos com a pandemia provocada pela Covid-19.



JANELA DA SAUDADE



FALECEU

D. Arcelina de Jesus
Ribeiro

Rua das Jançolas, 944
Polvoreira, Guimarães



AGÊNCIA FUNERÁRIA SÃO PEDRO DE POLVOREIRA, LDA.



☎ 253 523 580 📞 966 037 910
253 524 057 📞 966 618 931
funerariasapetro@sapo.pt

Esta iniciativa ocorreu no dia da Divina Misericórdia e véspera da Memória de Nossa Senhora da Alegria, no Santuário de Nossa Senhora do Carmo da Penha.

Constou da Oração do Rosário, Consagração a Nossa Senhora, Exposição do Santíssimo e Adoração e Bênção à Cidade e ao Concelho.

Em virtude do estado de emergência em que vivemos, a cerimónia decorreu com a presença do mínimo de pessoas necessárias aos actos que foram realizados e foi transmitida em directo através da página de Facebook do Grupo Santiago.

in Guimarães Digital



CAFÉ RIO
RESTAURANTE



253 523 841
936 806 682
934 801 904

FRANGO À RIO
POR RESERVA E
OUTROS PRATOS

R.Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 233
4835 - 192, Polvoreira, Guimarães



Est. 1960
FRANCISCO TEIXEIRA
DISTRIBUIDOR AUTORIZADO
931 604 572

COMPRO E VENDE
EQUIPAMENTOS USADOS

FRANCISCO TEIXEIRA
NEGÓCIOS

Polvoreira - Guimarães
931 604 572
franciscoteixeiranegocios@gmail.com



VITÓRIA S.C.

Talho Oliveira

Rua das Oliveiras - Polvoreira - GMR
TLF: 253 524 010 - TLM: 917 537 242



RESTAURANTE
TREVO
GUIMARÃES




Rua Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 2005
Polvoreira - Guimarães
253 522 372



CASA DOS BOMBOS ALVES
José Manuel Salgado Alves

Rua N.º Snr.ª de Fátima, 524
Polvoreira, Guimarães 962 930 407

O Pontido -
- Café Snack Bar, Lda



Largo Campo da Casa Nova 48,
4835-144, Polvoreira, Guimarães
253 523 136

Café Areal




Rua Ribeiro da Ponte, 530
Polvoreira - Guimarães
253 522 444

paulocar



Estrada Nacional 105, n.º 1531
Polvoreira, Guimarães
932 665 701



Filipe Abreu
Mediador Exclusivo

filipeabreu@meo.pt
T. +351 253 464 888
M. +351 916 987 933

Rua António Costa Guimarães, 2861
4810-491, Urgezes, Guimarães
fidelidade.pt

TECNOLOGIAS
ESTRATÉGICAS

Sonhe, nós
desenvolvemos!

Equipamentos e Serviços de
Informática, S.A.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 424 570
Fax: (+351) 253 514 704

E-mail: geral@vimaponto.pt

Apoie as associações
de Polvoreira!

SINCRONIDEIA
Data Privacy & Security

SINCRONIDEIA - Informática, Lda.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 036 727
geral@sincronideia.pt



CliHotel
de Guimarães

253 424 400
E.N. 105, n.º 787 - 4835-164, Guimarães

